

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



**São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012**

A MARCA DO OUTRO NA AUSÊNCIA DO DIZER

Flávia Lôbo Alvesⁱ, Ana Carla dos Santosⁱⁱ, Lorena Siqueira Santanaⁱⁱⁱ

Eixo temático: Estudos da Linguagem

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o efeito do outro na constituição do sujeito, em seu processo de silenciamento e no desenvolvimento da sua linguagem. Metodologicamente a análise qualitativa foi conjugada a um estudo de caso. A coleta dos dados foi feita a partir dos relatórios de atendimento, das visitas escolares semanais e das entrevistas quinzenais realizadas com a mãe de uma criança sem oralidade que fazia parte de um grupo de pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Os resultados trazem evidências sobre a responsabilidade do outro – da sua ausência – no silenciamento do sujeito.

Palavras-chave: linguagem, silêncio, outro.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyse the effect of the ‘other’ in the constitution of the subject, silencing process and language development. The methodological qualitative analysis was conjugated to a study case. All data were collected from assessment reports, weekly school visits and interviews that were taken every fifteen days with the mother of a child with no oral language capability that was taking part of the research group at the Universidade Federal de Sergipe (UFS). The results show evidence of the responsibility of the ‘other’ – of your absence – in the subject’s silence.

Keywords: language, silence, other.

INTRODUÇÃO

A linguagem é considerada como uma função interacional, onde a interação social é de fato importante para que haja as trocas entre os sujeitos, possibilitando a estruturação das relações sociais. De acordo com Vigotski (2001) a linguagem regula a atividade psíquica humana, já que ela ancora a construção dos processos cognitivos e subjetivos à partir de sua aquisição e desenvolvimento; e constitui o sujeito, possibilitando a ocorrência dos processos interacionais.

O pensamento é a interiorização da linguagem e esta inter-relação que ambos possuem, possibilita que os processos comunicativos aconteçam, independente do tipo de linguagem que o sujeito possa se comunicar. Sendo assim, um evento exterior é reconstruído internamente, transformando um processo interpessoal (que acontece em nível social) em intrapessoal (que acontece em nível pessoal); e conseqüentemente acontece o desenvolvimento das funções psíquicas.

No início é o adulto que dá a sustentação ao diálogo, conferindo uma estruturação gramatical e semântica ao enunciado da criança. Durante o processo, ela vai sendo afetada pela sua própria fala, reformulando-a. Nesse percurso, não há transparência absoluta na fala do adulto e nem da criança, mas uma opacidade que, dessa maneira trás a possibilidade de se fazer leituras múltiplas.

Para transitar do silêncio à palavra é necessário criar novos olhares e novas ações para a constituição do sujeito; e entender que o desenvolvimento depende das experiências sociais e interações do grupo ao qual a criança pertence e que acontece se existirem situações de aprendizado que o provoque (PANHOCA; ZANOLLI e ZIA, 2005). Sendo assim, a criança precisa ser capturada pela linguagem e por seu funcionamento - que a coloca em um lugar ativo e discursivo e que a permite significar em palavras, as imagens construídas nesse lugar.

O silenciamento parece retirar a importância e o papel do outro – que interpreta e atribui sentido - na construção da linguagem e no trajeto linguístico que a criança faz e que resulta na discursividade/linguagem oral , como resultante dos processos interacionais . Para a criança, em processo de aquisição de linguagem, deixar de ser sujeito passivo e passar a ser ativo, é fundamental a presença de um outro que tenha um dizer e que tenha uma escuta. Cabe ao outro interpretar as ações e intenções comunicativas dela, atribuindo-lhe significados, pois dessa maneira, a linguagem passa a ser vista como sendo de natureza fundante e constitutiva do sujeito.

OBJETIVO

O presente trabalho busca estudar o efeito do outro no desenvolvimento da linguagem, no processo de silenciamento – ausência da linguagem oral – e na constituição do sujeito.

REFERENCIAL TEÓRICO

Vigotski trás a idéia do homem como um ser ativo, histórico-social, moldado e aprimorado primeiramente em nível interpessoal pelo ambiente sociocultural do qual sua história faz parte, e pelas relações estabelecidas com seus parceiros. Posteriormente, em nível intrapessoal e individual, no qual se dá o processo de internalização, a significação das relações.

O autor considera que o conhecimento é sempre construído nas práticas discursivas, na relação dialética do homem com o seu meio social; e a aprendizagem, resultante da interação, é vista como um processo social compartilhado e gerador do desenvolvimento humano, no qual o conhecimento é construído nas relações estabelecidas com seus pares.

As relações sociais, mantidas ao longo do processo de desenvolvimento, se estabelecem por meio dos processos dialógicos, se constituindo por meio de ações partilhadas e interdependentes, onde cada pessoa em interação relaciona-se de diferentes formas e ocupa diferentes papéis sociais. Nesses momentos de partilha, as memórias e as

experiências vão sendo afetadas pelo(s) discurso(s), produzindo novos sentidos e ganhando, por vezes, outros significados.

O discurso é uma construção social, e é através das interações dialógicas que diferentes discursos são produzidos. O conceito de discurso retira do sujeito falante o papel central daquele que produz sentido, para integrá-lo ao funcionamento de enunciados construídos não só a partir das redes de memória, mas também, dos trajetos sociais percorridos por ele. Pêcheux (1990, p.56), fala que “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação”. É no discurso que as realidades psicológicas e sociais são construídas pelo sujeito, que se posiciona de formas múltiplas, sustentado por narrativas construídas ao longo da sua história.

Os gêneros discursivos podem ser considerados como formas comunicativas que são adquiridas em processos interativos. Portanto, entende-se que as práticas discursivas imbricam-se nos processos interacionais, nas relações dialógicas, onde o sujeito expressa seus pensamentos, suas perspectivas e seus ideais, sempre endereçados para outra pessoa. Sendo assim, esse discurso que sai do sujeito com uma mensagem, chega ao seu endereçado de outro jeito, levando a outras, múltiplas interpretações e vozes construídas, desde que este sujeito foi inserido na sociedade. Queremos dizer com isso, que a matriz do sentido e a sua origem, não se encontra no indivíduo, mas no efeito de sentido do que é dito e não dito. Bakhtin (1982, p. 248) descreve que:

[...] a língua materna, seu vocabulário e sua estrutura gramatical, não os conhecemos por meio dos dicionários ou manuais de gramática, mas sim graças aos enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos na comunicação discursiva efetiva com as pessoas que nos rodeiam.

Para a perspectiva sócio-histórica, é na trama das relações e das ações humanas que a linguagem é produzida e que a criança se desenvolve elaborando conceitos que norteiam seu processo de subjetivação. Considera-se que as experiências e a aprendizagem acontecem no meio social, para somente depois serem (re) construídas e internalizadas pela criança e, por conseguinte, que a linguagem é constituída no sujeito a partir do social.

Em Bakhtin (apud COLAÇO, 2004, p. 333), “[...] a linguagem é entendida como prática social e produção eminentemente dialógica [...]”, desta forma ela se constitui na

inter-ação e, nesse sentido, tem um papel mediador que ultrapassa a construção da linguagem na medida em que possibilita a constituição do sujeito em questão.

Assim sendo, a estruturação das atividades mentais e a construção da linguagem se dão mediante a interação social com a participação da linguagem. A partir de uma perspectiva onde trabalhando juntos e fazendo juntos, mostramos o nosso funcionamento. Já que a linguagem não depende só da criança, o outro também precisa participar e interagir para que se chegue a um sucesso do trabalho em conjunto. Para Vigotski, o pensamento humano e os processos psicológicos superiores se originam em situações que acontecem a nível material e objetivo dos espaços/contextos sociocultural pelos quais o sujeito circula.

Nessa perspectiva, o silêncio é visto enquanto um modo de captura do sujeito em relação à língua e ao outro, e um modo de funcionar à partir desses espaços sociais constitutivos de grande importância. Uma possibilidade de funcionamento da língua, construído e em permanência devido ao movimento e qualidade dos interlocutores e intérpretes ; e das funções culturais configuradas pela existência do componente material (oferecido pela natureza, e que representa todo aparato biológico) e do simbólico (o que confere significado). Orlandi (1997., p. 12) coloca que

(...) há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem (...). Esta dimensão nos leva a apreciar a errância dos sentidos (a sua migração), a vontade do “um” (da unidade, do sentido fixo), o lugar do non sense, o equívoco, a incompletude (lugar de muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo de seu funcionamento.

Dessa forma, a presença do outro enquanto caminho para a constituição subjetiva, construção de sentidos e desenvolvimento da linguagem significa a possibilidade de uma mudança e transformação do silêncio, enquanto incompletude do sujeito e da linguagem, se transformar em um dizer verbalizado. Um dizer que transforma esse lugar de relação com o outro, e que proporciona a ação e autonomia diante das cadeias discursivas e das relações de sentido.

METODOLOGIA

Aporte Metodológico

O presente trabalho inscreve-se no interior do grupo de pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (UFS), orientado pela professora Dr^a Rosana Carla do N. Givigi e Ele é um recorte do trabalho que acontece no grupo de pesquisa “A construção da linguagem, patologias e a prática clínica”, cujo sujeito escolhido e pesquisadoras fazem parte.

Esta pesquisa é de cunho clínico-qualitativa, que leva o pesquisador a entrar em contato com o sujeito pesquisado, acolhendo seus sofrimentos e ansiedades; e refletir sobre a constituição do sujeito e da linguagem enquanto função social. Nesse tipo de pesquisa, o pesquisador é levado a descrever e interpretar os sentidos e significados dados aos fenômenos e relacionados à vida do sujeito, sejam de um paciente ou de qualquer outra pessoa participante do setting dos cuidados com a saúde (equipe de profissionais, familiares, comunidade) TURATO (2000, p.96).

A pesquisa, com essa abordagem, acontece nos “settings” de saúde e torna-se benéfico nas situações em que os acontecimentos estudados tenham formação complexa, por serem pesquisas de situação de vida/saúde. Nela, o pesquisador estima as trocas afetivas movimentadas na interação dialógica, além da escuta da fala do outro, com destaque aos assuntos ligados à saúde/doença, aos processos da terapia, aos serviços de saúde e/ou sobre como lidam com suas vidas, enfim analisa a linguagem em toda a sua dimensão, seja verbal, corporal, comportamental com o objetivo de completar, confirmar ou contradizer o que é relatado. (TURATO 2000)

Segundo Turato a expressão clínico-qualitativo pode ser definida como:

“[...] o estudo teórico – e o correspondente emprego em investigação – de um conjunto de métodos científicos, técnicas e procedimentos, adequados para descrever e interpretar os sentidos e significados dados aos fenômenos e relacionados à vida do indivíduo sejam de um paciente ou de qualquer outra pessoa participante do setting dos cuidados com a saúde (equipe de profissionais, familiares, comunidade)”. (TURATO, 2000, p.96)

Além do método clínico qualitativo, o estudo de caso foi outra estratégia metodológica utilizada. Neste estudo acontece uma investigação particular sobre uma situação específica no que diz respeito a certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais fundamental e peculiar, para assim colaborar no entendimento de situações mais globais de um determinado acontecimento de interesse. O estudo de caso, de acordo com d'Allonnes (2004, p. 69), “trata do interesse sobre o trabalho de análise e de apresentação do material referente a uma pessoa em situação de ser estudada”.

A ideia, no estudo de caso, é aprofundar dados e buscar novos elementos já que o fato de ser analítico faz com que possam ser feitas várias interpretações, buscando o entendimento da complexidade dos fatos. Reconhece-se que os fatos trazem uma multiplicidade de perspectivas e interpretações (YIN, 2002).

Seleção do Sujeito

O sujeito escolhido para fazer parte do estudo está há 04 anos no projeto de pesquisa “A construção da linguagem, patologias e a prática clínica”. A criança foi selecionada a participar do grupo por preencher os critérios de elegibilidade da pesquisa: possuir de 0 a 5 anos de idade e ter alteração de linguagem.

Primeiro filho, M. é um menino de seis anos de idade, nascido em 01 de janeiro de 2006, residente no Conjunto Fernando Collor, situado num bairro periférico da grande Aracaju, localizado no município de Nossa Senhora do Socorro. Sua constituição familiar, inicialmente, limitava-se a mãe e a avó, com a qual mantinha raro contato.

Na entrevista inicial, primeiro contato que tivemos com a mãe, o diagnóstico de Distúrbio do Espectro Autístico foi usado para responder às angústias e questionamentos da família. A marca do diagnóstico comparecia na fala da mãe e em todas as ações que dirigia a criança. Ele chegou no Espaço da Linguagem sem estar inserido no universo escolar.

M. não falava, não atuava no mundo enquanto um sujeito ativo e participativo. A escolha dele para esse estudo partiu do nosso interesse em levantar a discussão acerca do papel do outro na construção de uma comunicação e no surgimento do dizer, em gestos e/ou em palavras; e trazer a reflexão sobre a marca do outro na ausência de um dizer.

As análises buscam deslocamentos possíveis sobre a compreensão do silêncio, enquanto forma de relação com o outro e forma de a linguagem se apresentar; e conseqüentemente reflexão sobre a marca do outro no surgimento de falas inesperadas, entendidas como possibilidades de língua, que se apresentam em um ser que vai sendo capturando pela linguagem e construindo um dizer à partir dos processos interacionais.

A coleta de dados foi feita pela análise dos relatórios dos atendimentos semanais ao longo destes anos, das entrevistas individuais com a mãe de M., que aconteciam quinzenalmente e das visitas à escola. Os recortes foram escolhidos pelo efeito que as ampliação dos processos interacionais (anteriormente restrito a situação familiar e relação restrita à figura materna) proporcionaram e provocaram no desenvolvimento linguístico e discursivo da criança.

RESULTADO E CONCLUSÃO

Em todos os episódios aqui o silenciamento é identificado pelas implicações que as relações incidem sobre fala e sobre o desenvolvimento da linguagem, O caminho das análises busca e propõem uma reflexão acerca das mudanças e do percurso que o silêncio faz em busca da fala, da expressão verbal, que permitem o *acesso do* sujeito à linguagem.

Na análise dos 08 (oito) relatórios iniciais, nas primeiras sessões com M. foi observado a ausência de vocalizações, e a presença de choros constantes quando se deparava situações de confronto – brincadeiras que exigiam a interação com o outro (terapeuta) e a retirada da figura materna do atendimento. Sua comunicação comparecia através de uma linguagem na qual predominavam gestos e olhares, sendo muito restrita e limitada à genitora. Era uma comunicação elementar, cuja mediação não favorecia as práticas interlocutivas, já que tentava-se adivinhar suas necessidades ao invés de questioná-lo e trazer a necessidade de comunicar e fazer compreendido.

Com a terapeuta M. se afastava do contato físico, fugia do contato visual e se mostrava impermeável a sua fala, se distanciando de qualquer possibilidade de interação/relação. M. se interessava apenas por brincadeiras que eram de seu conhecimento, como carrinhos e bonecos. Ele demonstrava desinteresse em brincadeiras novas e simbólicas, exibindo dificuldade de atuar enquanto um sujeito ativo já que parece não possuir imagens mentais que possibilite a sua ação.

Os primeiros atendimentos mostram o quanto que o sujeito só é capaz de atuar , intencionalmente e linguisticamente falando, quando houver construído imagens mentais que a permitam essa atuação, e o quanto que a sua constituição enquanto um ser social depende das relações que estabelece com seus pares, já que as imagens mentais são construídas apenas nos momentos de interação. E esse silêncio, sinalizava a falta de interação e o universo de relações restrito e empobrecido que não permitia e nem favorecia a internalização do vivido e experienciado. Dessa forma, M. expressava dificuldades em aceitar a presença do outro na brincadeira, procurava desviar a atenção e sua interação era praticamente inexistente, pois não sabia lidar com uma outra figura que não fosse sua mãe. Esse movimento foi provocado devido sua exclusão social, uma vez que sua mãe, não o deixava se relacionar com ninguém.

A partir desses relatos pode-se observar o quanto um indivíduo pode ser prejudicado quando o mesmo é afastado das relações interpessoais, já que ele fica impossibilitado de assumir um lugar discursivo, de se movimentar na linguagem e no universo simbólico. Para Vigotski, o desenvolvimento e os processos constitutivos do sujeito dependem dos processos biológicos e dos fatores culturais, históricos e sociais. O decurso cultural ocorre através da mediação, em que esta só será possível com o auxílio do outro. Na interação o mediador não é apenas um instrutor, ora aprende, ora ensina ocupando, portanto, lugares circulares mantendo uma relação horizontal junto ao paciente.

A entrada de M. na escola aconteceu no meio do semestre do ano de 2009. A rotina da escola e a conduta das professoras diferenciavam M. das demais crianças devido a ausência de fala e a sua discursividade motora ser ignorada e nem ao menos percebida. Agindo contrario o que Vigotski defende que um mediador deve atuar igualmente com qualquer sujeito, independentemente se este possui ou não a fala, de forma a garantir ao indivíduo o respeito social e oportunizar a experiência das situações sociais que qualquer criança é exposta e que contribuem para a constituídas do sujeito e da sua linguagem .

M. age, nos primeiros dias, como uma criança que nunca interagiu com o meio no qual estava inserido, e não prestava atenção na explicação das professoras e isolava-se sempre. O silêncio comparecia e embora sua mãe, nas entrevistas, contasse que conversava muito com ele, M. mostra ser uma criança solitária. E em uma visita domiciliar, comprovamos o que o silêncio dele nos sinalizava: M. permanecia em seu

quarto, isolado em seus dvd's e brinquedos que não requeriam a participação de um outro, reforçando a certeza q M. necessitava da presença de outras pessoas e frequentar espaços que promovessem momentos de interação, para oportunizar o desenvolvimento das função semiótica e assim dar início a construção dos processos inter-psicológicos.

Ao longo desse trabalho com M. , que o envolveu e ampliou o seu universo social, o acompanhamento escolar, entrevistas com a família e a terapia propriamente dita, oportunizaram o surgimento de um dizer. Dessa forma, vimos M. interagindo com a terapeuta na brincadeira. Os sorrisos e as risadas, até então não vistos no processo de terapia, surgiram à medida que víamos a criança ampliando seu universo simbólico. Esse movimento começou a ser observado a partir da 9ª sessão, apesar das dificuldades em lidar com novas brincadeiras simbólicas e com a presença do outro no momento da interação ainda permeassem os atendimentos.

Tendo como marco essa transformação e mudança aparente, M. vai à procura do outro sinalizando que percebe que pode usar a linguagem para se comunicar e satisfazer alguma necessidade pessoal. As brincadeiras simbólicas vão sendo aceitas e se tornando mais utilizadas pela criança, o que dispara o desenvolvimento psíquico e favorece a construção dos processos interacionais. Esse movimento de M. reflete as ações e condutas do outro sobre si e trás a tona a indispensável presença da afetação as relações disparam em qualquer sujeito sociável.

Partindo do conhecimento e contato com outros universos, dos embates travados nas relações e na construção que o social provoca, M. começa a não se incomodar em permanecer na sala de terapia sem a presença da mãe. Ressaltamos que tal atitude, seria possível no início do processo terapêutico, devido ao seu isolamento e falta de ação, por não saber agir, diante do que nos põe em movimento: o mundo. Esses relatos mostram o quanto à ausência do outro é responsável pela carência de subjetividade, e impedindo o surgimento de um sujeito falante.

E à partir da presença M. consegue , através de a brincadeira simbólica, fazer relação objeto-significado e a partir disso relação significado-ação. Ao transitar na brincadeira vimos que ele ia adquirindo outras formas de linguagem como os gestos, movimentos e expressões que ganhavam significados pelos sujeito com os quais estava interagindo.

A cada encontro M. demonstrava perceber a importância e a necessidade do outro na brincadeira e na sua rotina diária. Tal processo, de ser inserido no universo social e conseguir ser afetado por ele, acontece de maneira singular para cada sujeito. No caso da nossa criança, somente à partir do 20º encontro as primeiras vocalizações foram produzidas. Elas traziam o seu universo, como por exemplo as palavras “miau” e “auau” que representavam e traziam seus animais de estimação e o colocava em um lugar discursivo.

M. se apoderava de sua constituição enquanto sujeito ativo e participativo e interagiu ativamente nas brincadeiras grupais, não se isolando nas relações e aceitando a presença do novo. Nesse trajeto, por volta do 60º atendimento, M. consegue participar das festinhas e apresentações da escola, em parceria com todos os colegas da classe .

Seus passos, sua interação e posição diante dos eventos sociais e das pessoas em geral, mostram o quanto que ele não mais se aliena diante do outro e do dizer que este direciona para ele. M. trás, em suas condutas, a transformação da posição subjetiva e de falante da Língua, ao enunciar seus desejos, e a sua constituição enquanto sujeito na e pela linguagem à partir de todo o aparato de relações com as quais começou a conviver e interagir.

Desse modo, os resultados desse trabalho, refletidos nos passos e nas vozes surgidas nos lugares onde o sujeito estava inserido, trazem à tona o papel crucial do Outro no processo de silenciamento do sujeito, e a marca que sua ausência crava no desenvolvimento linguístico e psíquico , o que demanda olhares atentos para alcançar e modificar a ausência do dizer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Estética de La creación verbal**. Trad. Tatiana Bubnova, Ciudad del México: Siglo Veintiuno, 1982. 396p.

COLAÇO, V. F. R. Processos Interacionais e a Construção de Conhecimento e Subjetividade de Crianças. **Rev. Psicol. Reflex. Crit.** Porto Alegre, v.17,n.3, p.333-340,dez. 2004.

D' ALLONNES, C. R. O estudo de caso: Da ilustração à convicção. In: _____ *Os procedimentos clínicos nas ciências humanas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 69-90.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997. 189p.

PANHOCA, I.; ZANOLLI, L. M.; ZIA, J. O acolhimento da gestualidade na terapia de linguagem: reflexões no âmbito da clínica fonoaudiológica. **Rev Distúrb Comum**. São Paulo, v.17,n.3, p. 365-372,dez. 2005.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Pontes, 1990, 68p.

TURATO, E. R. Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definição e principais características. **Revista Portuguesa de Psicossomática**, 2(1):93-108, 2000.

TURATO, R. E. **Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa** – definição e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*. V. 2. Nº 001, p. 93-108, jan./ jun. 2000.

YIN, R. K. Case Study Research: design and methods. Traduzido por: Ricardo.

ⁱ Prof^a. Substituta da Universidade Federal de Sergipe – UFS. Grupos de pesquisa: **A construção da linguagem, patologias e a prática clínica/UFS**. Fonoaudiologia Bacharelado. E-mail: flavialoboalves@hotmail.com

ⁱⁱ Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica - Universidade Federal de Sergipe – UFS; Grupo de pesquisa: **A construção da Linguagem, patologias e a prática clínica/ UFS**. Fonoaudiologia Bacharelado. E- mail: carlinha_sgp1@hotmail.com

ⁱⁱⁱ Aluna da graduação em Fonoaudiologia - Iniciação Científica - Universidade Federal de Sergipe – UFS; Grupo de pesquisa: **A construção da Linguagem, patologias e a prática clínica/ UFS**. Fonoaudiologia Bacharelado. E-mail: lore_.s@hotmail.com

